

Entrevista: CHARLES WAGLEY

por José Carlos Sebe Bom Meihy

VISITA AO VELHO SENHOR: CHARLES WAGLEY

A geração que passou pela universidade brasileira nas décadas de 60 e 70, acabou por viver uma situação ambígua em face à aceitação dos Estados Unidos.

Fora do campus, o contexto sócio-econômico promovia uma aceleração do desenvolvimento urbano-industrial que projetava o país dos norte-americanos como modelar. Shoppings Centers, cursos de inglês, o bárbaro esquema turístico que se fazia em torno do mundo de Disney, a vulgarização das *T shirts*, tudo motivava a classe média emergente a aderir periféricamente aos hábitos tidos como típicos da cultura estadunidense.

No campus acadêmico, variava a atitude comum. Ao universitário cabia refutar veementemente tudo que vinha de fora, especialmente se a inspiração emanava das terras do *Tio Sam*. Certamente, não era de bom tom, dentro das fronteiras universitárias, gostar do cinema, da música, das roupas americanas. Tudo que lembrasse os Estados Unidos deveria ser motivo de ridicularização e ódio. Afinal, mesmo antes de ser noticiada pelo *Washington Post*, em 1975, a **Operação Brother Sam** era evidente e ninguém tinha dúvidas do apoio do governo norte-americano dado aos militares em 64. A universidade brasileira em geral, muito particularmente a USP reagiu à atitude governamental norte-americana e desenvolveu-se em certos círculos uma aversão acentuada, particularmente à produção acadêmica dos *scholars* brasilianistas.

Por volta de 1971, a aversão aos acadêmicos norte-americanos na universidade ganhou tanta intensidade que brasilianista deixou de ser um conceito abrangente e passou a significar apenas a produção dos intelectuais norte-americanos que escreviam sobre o Brasil. Então, uma resposta indignada se formulava sobre vários aspectos da invasão intelectual promovida pelos Estados Unidos.

É claro que as situações circunstanciais daqueles momentos se emendavam no continuado discurso antiimperialista e nutriam o *nacionalismo acadêmico* que deveria refutar as explicações exóticas e ao lado de um complexo xenofobismo, evidenciar que a nós cabiam as

explicações de nossa vida sócio-cultural. Meios jornalísticos e artísticos engrossavam as fileiras dos opositores à *invasão* acadêmico-cultural dos Estados Unidos.

Dada à censura e ao insuportável clima de intolerância ao comunismo, tecer críticas aos Estados Unidos implicava em *subversão*, assim, o *nacionalismo acadêmico* se fez em discursos orais, em rejeições teóricas e sempre indiretamente. Aliás, quem mais percebeu estas questões e as devolveu ao público foram os jornalistas.

Em 1971, a revista *Veja*, no número de novembro, publicava numa reportagem de fundo, "*A história do Brasil: o passado do país está sendo escrito em inglês*" Élio Gaspari tornava então público o debate, denunciando ambigualmente, o que era óbvio na universidade. A revista *Veja*, em seu número de março de 76, novamente trouxe o tema às primeiras páginas, só que desta vez de maneira positiva: homenageando Charles Wagley, numa entrevista que trazia um título simpático e sugestivo "*Uma paixão pelo trópico, o decano dos brasilianistas fala de 37 anos de estudos sobre um país que o desconhece*"; o texto é assinado por Nirlando Beirão. Entre o texto de Gaspari e o de Beirão havia uma enorme distância. O primeiro denunciava, o segundo prestava reverência, e, nesta variação, havia também a mudança de atitude do governo norte-americano.

Sem entrar no feroz debate (tão caro a Noan Chomsky) sobre o cinismo da política de Carter, convém lembrar que, ao Brasil, a investida norte-americana em favor dos direitos humanos abria intervalos no fechamento político-ditatorial. Sensivelmente, o contexto universitário deixava também vazar uma tolerância maior ao brasilianismo, e assim, inauguravam-se possibilidades de avaliações amplas sobre o brasilianismo.

Nos meios estritamente acadêmicos, o brasilianismo foi percebido pela primeira vez por José Honório Rodrigues e Francisco de Assis Barbosa, em 1969; nos textos destes autores o fenômeno era apenas percebido. Espelhando a ojeriza comum à maioria da massa acadêmica uspiana, em 72, Dulce Helena Álvares Pessôa Ramos elaborou seu mestrado sob o tema **Um exemplo de Pesquisa Bibliográfica como elemento de pesquisa pública: as teses americanas sobre o Brasil (1960-1970)**, aí a sugestão do que o trabalho intelectual desenvolvido sobre a cultura e história brasileiras serviria de base para a ação governamental de Washington.

Em 1978, a publicação do número 4 da série **Tudo é História: cadernos de pesquisa**, da Editora Brasiliense, trazia o título "*Coke: será que devemos beber história como bebemos Coca-Cola?*" Neste número, artigos, entrevistas e resenhas deixavam claras as diversida-

des de opiniões. Por esta época, iniciava uma pesquisa buscando entender melhor o significado do brasilianismo e, então, resolvi passar um questionário aos elementos das diversas gerações de brasilianistas, perguntando entre outras coisas, sobre o significado de se estudar o Brasil, bem como o porquê. As respostas foram prontas e era raro o questionário que não se referisse à influência de Charles Wagley.

Intrigado pelas aproximações que se fazem entre a figura de Wagley e a personagem criada por Jorge Amado em *Tenda dos Milagres*, pensei que nenhum trabalho poderia ser feito sem antes compreender a ação deste mestre, afinal o *dr. Levenson*, realmente desafiava a fantasia geral.

Em 1983, num frio janeiro, consegui nos Estados Unidos marcar uma entrevista com o *Velho Senhor*. Uma legião de discípulos dele e amigos comuns se colocou entre nós, facilitando tudo.

Minha aventura começou em Miami, onde, num pequeno avião, rumei para Gainesville, para a Universidade da Flórida. Estava ansioso, e meu lado acadêmico se confundia na estruturação das perguntas a serem feitas na entrevista.

Chovia muito quando cheguei. O vento era assustador e, no pequeno aeroporto, vi-me perdido entre desconhecidos. Aos poucos, as pessoas que nos cercavam foram se afastando e ficamos sós. Nós dois parados, identificando-nos. Cigarro na mão, sorriso largo e amigo, Wagley se aproximou dizendo, num cansado, mas bom português: *“Tem que ser você, não há mais ninguém”*. Confesso que Wagley dirigia mal e logo pensei que ele deveria ter trocado Nova Iorque por Gainesville, também pelo trânsito.

Chegamos ao escritório dele, e começamos a entrevista. Ambos estávamos emocionados, ele por falar do Brasil, eu por ouvi-lo. Entrevistar Charles Wagley foi um dos grandes privilégios que a vida acadêmica me possibilitou.

A conversa foi gravada, durou noventa minutos e quando acabou, nosso colega, José de Souza Martins, que estava como professor visitante na Universidade da Flórida, nos acompanhou para o almoço. Quando deixamos o restaurante, o sol brilhava e o vento mudara o rumo.

Guardei por muito tempo esta entrevista. Achei que deveria esperar por um momento adequado para publicá-la, pois creio que ela não deve simplesmente ser interpretada à luz do debate historiográfico. Esperei que os ânimos se amainassem e recortei alguns trechos onde a ordem sentimental impôs descrição, afinal, como disse Wagley, *“o Brasil está ligado às coisas mais íntimas que a vida me deu”*

SEBE: *Professor, há atualmente um grande interesse por se descobrir onde e quando nasceram os estudos sobre a América Latina.*

WAGLEY: A América Latina sempre foi um pedaço do mundo desconhecido pelos norte-americanos, países como o Brasil não faziam parte do gosto dos pesquisadores daqui, mas nos anos 30, isto começou a mudar. A grande dificuldade era a língua. Quase não havia universidade que ensinasse português. Da cultura brasileira, nem se fala, havia meia dúzia de pessoas interessadas.

SEBE: *Na sua opinião, quem iniciou os estudos sobre a América Latina?*

WAGLEY: O pioneiro foi John Frederic Normano. No começo da década de 30 (1931), publicou em inglês *The Struggle for South America*; ele morou e ensinou no Brasil e foi quem começou a moderna historiografia sobre a América Latina. Antes dele, havia o Roy Nash, que publicou *The Conquest of Brazil*, em 26. Ah! Havia uma pessoa muito importante para todos nós, o William Varian. Varian era um professor de literatura, mas muito interessado pelo ensino de português. Ele trabalhava com a Fundação Rockefeller, e era um sujeito que falava bem português e espanhol. Ele era muito versátil e distinguia os sotaques do espanhol da região do Pla-

ta, do México e da Colômbia. Ele era muito amigo do Luis Borba de Moraes. Houve também o primeiro colóquio luso-brasileiro, que eles organizaram em 41, em Washington. A grande figura neste colóquio foi o James Preston, o geógrafo. Eu não fui neste encontro porque estava no Brasil.

SEBE: *Quando o senhor foi ao Brasil?*

WAGLEY: Eu fui em 39 e fiquei até 40; voltei por um ano, aqui, em 40/41 e, pela metade de 41, voltei e lá fiquei durante toda a Guerra. Antes da Guerra, eu já estava trabalhando no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Foi bom, porque antes de ir para lá, fui instrutor na Universidade de Columbia e foi em Nova Iorque que começou a se formar um grupo interessado em estudar o Brasil. Com o início da Guerra, o Brasil tornou-se importante, porque ficou do lado dos aliados e todos os que falavam português ou tinham viajado pelo Brasil prestaram serviços como observadores. Com isto, organizou-se o grupo de pessoas interessadas no Brasil.

SEBE: *O senhor acha, então, que a Guerra foi um dos elementos aglutinadores de brasilianistas?*

WAGLEY: Foi um deles. O Brasil era o maior aliado dos Estados Unidos. Havia pouca gente que conhecia aquele país importante e misterioso, e era preci-

so ajudar durante a Guerra, em várias tarefas. Eu, por exemplo, trabalhava em saúde pública; alguns tinham outras obrigações, como traduzir jornais. Mas não foi só a Guerra, não. O tempo do Brasil havia chegado. Olha, o Brasil é o maior país da América do Sul, é maior que os Estados Unidos em território contínuo, e muito interessante histórica e culturalmente. Não era só a Guerra, não. Não podemos esquecer que antes havia os esforços de Mary W. Williams, Percy A. Martin, Dana Munro. Estes pesquisadores continuaram a obra pioneira de Herbert Bolton.

Com a Guerra, a academia americana começou a perceber que não cumpria seu papel. Por volta de 48, 48/49, os Estados Unidos perceberam que só havia pouco conhecimento da Rússia, China, Índia. Foi em 49 que o **Social Science Research Council** criou um comitê de estudos de áreas (*Area Studies*) e, uma destas regiões era a América Latina, onde o país mais visado era o Brasil.

SEBE: *Então, antes da América Latina, organizaram-se os estudos sobre a União Soviética, Ásia.*

WAGLEY: É, mas eram institutos miseráveis. O americano era voltado para estudar os Estados Unidos, assim mesmo poucos aspectos da própria

história. No mais, havia os *China hands*. *China hand* era um missionário ou pessoa que aprendeu chinês por acaso; depois de 48, resolveram fundar uma área de estudos baseada na China e então os *China hand* cederam lugar a sofisticados *scholars*. Este sistema se desdobrou e, já por volta de 1960, o governo e as fundações ajudaram a criar centros visando ajudar os estudos da América Latina.

SEBE: *E quando o senhor apareceu nesta cena?*

WAGLEY: Foi em 60, quando eu criei, em Columbia, o Instituto de Estudos Latino-Americanos. Você deve lembrar que, naquele tempo, o Instituto teve 32 bolsas de estudo de pós-graduação. Hoje em dia, é ridículo pensar que se formos muito bem-vistos, podemos vir a ter seis ou oito. Outro dia, eu fiz um levantamento de quantos bolsistas de Columbia foram para o Brasil no meu tempo e listei 63, como Bradford Burms, Ralph della Cava, Herbert Klein, Riordan Roett. É importante lembrar que Columbia sempre dava um jeitinho de destinar as bolsas quase que só para o Brasil.

SEBE: *Então, professor, houve uma pré-história do brasilianismo, iniciada antes da Segunda Guerra, depois houve uma outra fase importante, advinda do impacto da Guerra, e a terceira fase pode ser determina-*

da a partir de Castro e da revolução cubana?

De outra forma, seria válido pensar que os novos brasilianistas são só filhos de Castro?

WAGLEY: É. Existem duas brincadeiras, na verdade. Uma é que diz que todos somos filhos de Castro e que ele produziu a oportunidade de estudos e bolsas. Mas existe também uma outra versão, que diz que foram os latino-americanistas que prepararam, nos Estados Unidos, o caminho de Castro. Logicamente, isto é um exagero, mas o fato é que Castro influiu diretamente na ação do governo, as fundações Ford, Rockefeller e Carnegie já estavam nas paradas, antes.

Estou dizendo que as fundações devotaram atenção à América Latina antes do governo. Elas foram realmente importantes porque notaram o vácuo, a falta de estudos sobre vários países do mundo e então perceberam a necessidade de formar especialistas em várias disciplinas. O conceito de *Area Studies* não pode ser visto apenas como recurso geopolítico. Não. Ele tinha um sentido intelectual. Depois, o caso de Cuba ajudou, pois mostrou a necessidade de renovar a política de educação e o governo decretou o **National Defense Educational Act**; com esta legislação, as seguintes línguas foram declaradas urgentemente necessárias: russo, chinês, ja-

ponês, árabe e português. Isto foi de enorme ajuda para a nossa proposta.

Alguns centros de pesquisa beneficiaram-se muito com o ato do governo; creio que o primeiro favorecido foi a Flórida, depois Columbia e Wisconsin... acredito que o Texas só veio depois da Universidade da Califórnia, Los Angeles.

SEBE: *O papel da Universidade de Columbia sempre foi muito importante, não?*

WAGLEY: Sim. Columbia foi muito importante, mas antes nós temos que pensar no grupo da Califórnia, de Stanford. Lá havia a equipe que convidou o Oliveira Lima. Columbia se destacou numa segunda fase. Columbia ficou imponente porque tinha pesquisadores de vanguarda, como Roy Nash, Frank Tannenbaun, Franz Boas. Tinha até o Gilberto Freyre passando por lá.

No fim de 58, o Tannenbaun me ajudou a começar a organização do Instituto. Logo, porém, o Tannenbaun se aposentou e, então, veio o Lewis Hanke. O Hanke tinha um verdadeiro amor pela América Latina, e colaborou muito.

A grande coisa que fizemos foram os **Seminários**. Foi o Tannenbaun que os inventou. Era uma coisa meio maluca, no começo. Cada quinta-feira, às quatro horas, reuníamos na sala do Tannenbaun e ele se encarregava (mais ou menos)

de encontrar um *speaker*, uma pessoa para apresentar uma conferência a cada semana. Ele partia de um princípio simples: *"muitas pessoas passam por Nova Iorque e como Deus é brasileiro, sempre haverá alguém para o Seminário"* Não havia certeza de nada. Não existia uma programação. Uma vez, eu fui para assistir ao Seminário e, assim que apareci na porta, o Tannenbaun disse: *"Não tem palestrista para hoje, então quem vai falar é você"* Mas, de qualquer forma, os Seminários foram se firmando e sempre que o Gilberto Freyre ia para Nova Iorque ele falava lá. Viana Nunes estava sempre por perto. Quando o Instituto se estabeleceu, em 60, a coisa ficou séria e, como eu fui nomeado diretor, é claro, meu interesse foi pelo Brasil. Procurava os melhores alunos e os motivava para ir ao Brasil. Então, o **Social Science Research Council** escolheu Columbia como centro de treinamento para pesquisadores interessados no Brasil. Columbia funcionava como um filtro de brasilianistas, e até hoje ainda existem os Seminários, mas já não é como antes. Veja que agora aqui na Flórida nós temos mais ajuda do que eles.

SEBE: *Isto quer dizer que ainda hoje a sua figura é que atraiu?*

WAGLEY: Não. não é bem assim. . . Temos um grupo muito bom aqui. Eu fui convidado

em 71 para vir para cá, e como eu estava chateado com Nova Iorque, cansado do frio, do trânsito, da multidão, resolvi que poderia fazer alguma coisa a meu favor, escolhendo um lugar mais calmo para ensinar durante os meus últimos anos. Aí, começamos a criar um pequeno grupo, que está bastante vivo.

SEBE: *Seria possível o senhor definir a ideologia ou o interesse político das fundações em relação ao Brasil?*

WAGLEY: Interesses políticos, creio que não. Posso dizer diretamente do meu caso. Eu fui ao Brasil pela primeira vez em 39, com a ajuda da Fundação Rockefeller, que já amparava Columbia. Era uma bolsa de pós-doutorado, para estudar índios. Havia no Brasil grupos interessados e que estavam em contato conosco. No Brasil, a Fundação Rockefeller estava sediada em Manguinhos, desde o começo do século; eles atuaram em 1906, 18 e 24. Eu creio que quem abriu o processo de visitas de especialistas estrangeiros foi a Heloisa Alberto Torres. Ela era a única que não era médico em Manguinhos e ela escreveu a Franz Boas, como diretora do Museu Nacional. Foi ela que conseguiu uma série de bolsas para o Brasil. Também, muitos brasileiros foram auxiliados, principalmente na área de ciências naturais.

Houve outra fundação importante, a Carnegie. Foi a Carnegie que inovou a educação americana com os *centros dirigidos*; ela auxiliou Stanford, com estudos de chinês, Harvard, com especialização na União Soviética, e Columbia, com um pouquinho do Brasil.

SEBE: *Foram os antropólogos que abriram o caminho no caso brasileiro?*

WAGLEY: Foram e sempre com alguns trabalhos originais como a Ruth Landes, com a **Cidade das Mulheres**. O trabalho dela é pioneiro na área de estudos sobre mulheres, homossexuais e candomblé. O caso dela é interessante porque ela saiu de Columbia, se interessou muito pelo Brasil, mas depois desistiu definitivamente. Acho que houve desentendimento entre ela e o Arthur Ramos. Ela era amiga do Edson Carneiro e, como havia diferenças de métodos de trabalho e opiniões científicas, entre os dois, ela acabou por desistir. Eh! Da primeira turma, só eu continuei.

SEBE: *E por que, professor?*

WAGLEY: Bom, eu casei com uma brasileira, estava encantado com o Brasil, adorei o Brasil desde o princípio. Foi amor à primeira vista e vai ser a última. O Brasil me dava esperanças e sempre me deu sorte. Imagine que na primeira noite

que eu cheguei, no famoso Cassino da Urca, eu ganhei duzentos dólares! Eu fiquei no Rio por cinco semanas, foi durante o carnaval, então eu li, estudei português e me diverti muito. Só depois eu embarquei para o Mato Grosso.

SEBE: *Como o senhor definiu seu tema de estudos sobre os índios?*

WAGLEY: Ah! Foi com a valiosa ajuda do Alfred Métraux. Ele estava em Iowa, na Universidade, eu escrevi a ele e ele me deu a indicação. Eu escrevi **Ita Amazon Town: a Study of Man in the Tropics** depois da Guerra, então eu fiquei dezesseis meses no Rio e voltei para ensinar em Columbia, em 41. Quando eu estava de volta ao Brasil, em 41, ensinando no Museu Nacional, fiz outra pesquisa e encontrei o meu aluno e amigo Eduardo Galvão, que é um dos meus preferidos.

SEBE: *Ah! O senhor tem alunos preferidos?*

WAGLEY: Tenho sim, e qual é o professor que não tem? O meu mais querido dos brasilianistas é o Ralph della Cava, mas tem também muitos outros.

SEBE: *Mas, professor, como um antropólogo pode influenciar tanto historiadores, cientistas políticos e geógrafos?*

WAGLEY: Há um certo predomínio de historiadores e cientistas políticos no grupo geral, mas não se esqueça que há

muitos antropólogos também. Temos o Shepard Forman, o Robert Shirley, não se esqueça do Marvin Harris, que agora ensina em Columbia.

É verdade que tem muitos historiadores, mas alguns deles têm vocação antropológica, o Stuart Schwartz, por exemplo, eu gosto muito de um dos primeiros trabalhos dele (**Brazil's Portuguese Heritage Should Not Be Forgotten**), quando ele usa um quadro famoso (**Três meninas da mesma rua**, de Maria Margarida) para mostrar que a menina índia e a negra têm sido estudadas, mas a portuguesa não. Ele tem alma de antropólogo. Mas acho que o pai dos historiadores brasileiros não sou eu, é o Stanley Stein, eu o encontrei no Rio, morando lá e fazendo pesquisa antes da Guerra. Ele tem um trabalho muito bom e acho que é dele a paternidade da influência dos novos historiadores brasilianistas.

SEBE: *E os intelectuais brasileiros, como se relacionavam com os brasilianistas da primeira geração?*

WAGLEY: Bom, vamos marcar a Guerra como período de transição. Antes da Guerra, havia pouco brasileiro que ensinava aqui, ou mesmo que vinha aprender na universidade americana. A influência francesa sempre foi maior e isto aumentou depois que a Missão Francesa foi para compor o grupo

da instalação da Universidade de São Paulo. Principalmente a antropologia foi marcada por esta relação, pois a influência de Lévi-Strauss e Roger Bastide foi muito ampla e positiva. A ligação de brasileiros com os norte-americanos se deu muito lentamente e através de contatos pessoais. O Gilberto Freyre era uma ponte muito importante. O Anísio Teixeira também. O Anísio achava que o sistema educacional americano funcionava bem e por isso devotou estudos sobre a reforma educacional brasileira, voltada para o nosso modelo. Outro brasileiro muito importante, particularmente para mim, foi o Thales de Azevedo; ele ajudou muito e sempre. Ele influenciou marcadamente no grupo que estudou na Bahia, na década de 70. A USP e o Rio nunca foram muito receptores. O Norte e o Nordeste sempre foram muito mais abertos a nós. De São Paulo, ligado à gente, tem o Oracy Nogueira. O Oracy esteve estudando em Chicago e depois estagiou no Museu Nacional do Rio.

SEBE: *Professor, como o senhor sabe, Gilberto Freyre é uma figura muito polêmica entre nós, e há uma discussão muito forte em torno do impacto dos Estados Unidos na obra de Freyre, principalmente sobre Casa Grande & Senzala. Os debates denunciam uma certa*

visão importada do Brasil, que Freyre teria adquirido fora do Brasil.

WAGLEY: Eu não vou analisar Casa Grande & Senzala, se bem que sempre quero fazê-lo, mas Gilberto Freyre com este livro modernizou as ciências sociais no Brasil, por bom ou mal que o livro seja, ele é pioneiro. Ainda que o Gilberto não tenha feito pesquisas de campo, sem dúvidas ele provocou e ainda excita as mentes de brasileiros. Quando cheguei ao Brasil, em 39, todo mundo, euforicamente, me indicava Casa Grande como a primeira coisa a ler. Li com enorme prazer

SEBE: O senhor leu Casa Grande no Brasil?

WAGLEY: Li no Brasil porque não tinha chegado, em 39, aos Estados Unidos, e eu não conhecia bem o Brasil, para falar a verdade. Casa Grande sempre teve uma grande influência sobre os brasilianistas, até para os que não concordam. Lembre-se que muitos brasilianistas, como o Skidmore, escreveram sobre este livro, mas tenho certeza que todos reconhecem que esta obra é um divisor de águas. Agora, é verdade que o Gilberto adquiriu muito de seu ponto de vista nos Estados Unidos. Parece que o livro foi pensado em Columbia, ainda que o texto que lá existe, na biblioteca, seja um pequeno trabalho de 25 a

30 páginas, sobre as fazendas brasileiras.

O Tannenbaun manteve um grande respeito, até o fim da vida, por Gilberto. Eu também, mas acho que ultimamente ele está exagerando muito o próprio valor.

SEBE: Professor, se o Gilberto Freyre foi tão importante, então por que tão poucos estudos sobre o Brasil Colonial? Por que os brasilianistas se concentram em estudos sobre a República?

WAGLEY: Isto é mais um problema dos novos brasilianistas, eles é que estão mais próximos da *political science*. Sabe, um aspecto que sempre me chamou a atenção na cultura acadêmica brasileira foi a sociologia. Sempre achei que o Florestan é o maior intelectual brasileiro. Respeito muito o trabalho de outros, mas o Florestan sempre foi muito forte. Há também a Maria Isaura, o Antônio Cândido, este é um grupo formidável, até o senador (Fernando Henrique Cardoso) é muito bom. Felizmente, no Brasil não se fala muito da diferença entre antropologia e sociologia, nem de sociologia e história, isto ajuda muito.

SEBE: Quais os projetos importantes do brasilianismo?

WAGLEY: Academicamente, eu acho que o estudo do John

Wirth, Bob Levine e Joe Love foi muito importante. A contribuição para os estudos regionais dada por eles é significativa, não acha? Tem também a velha mania americana de se estudar as comunidades, aí nós temos uma fila muito comprida com estrelões como o Morse, o Stein, o Warren Dean e até o veterano Donald Pierson. Mas ainda acho que o melhor estudo sobre o Brasil ainda é o do della Cava. Você sabe, eu andei muito pelo Brasil e, entre os vários lugares por que passei, visitei Juazeiro, durante a Guerra, voltei colecionando vários livros e sonhei escrever uma obra sobre o padre Cícero, mas no fundo eu sabia que não ia fazê-lo porque não tinha tempo e se tratava de história. Aí, apareceu o della Cava, eu chutei a idéia e ele pegou. Há outra tradição de estudos americanos que é importante para o Brasil, os estudos comparativos, de temas gerais. Neste campo, acho que a escravidão foi o mais importante; gostaria de lembrar aqui o estudo do Carl Degler (*Neither Black nor White*) e o do Eugene Genovese (*Roll, Jordan, Roll. The World Slaveholders Made*). Sabe, estes brasilianistas todos são os novos Ewbanks.

SEBE: *Bem, professor, nós falamos de aspectos positivos do brasilianismo; agora, eu gostaria de entrar um pouco no ter-*

reno do negativo. Por que há tanta rejeição ao brasilianismo?

WAGLEY: Vamos começar pela suspeita, sempre se achou que entre os brasilianistas havia gente que trabalhava para a CIA. Deve haver, mas eu não conheci ninguém, nunca. Em segundo lugar, como eu defendo a idéia que a vida intelectual não tem fronteira, acho que os brasileiros poderiam vir mais para os Estados Unidos, nos estudar e assim se vingariam de nós e todos ficaríamos felizes.

SEBE: *Como o senhor vê o futuro do brasilianismo?*

WAGLEY: Tenho vivido vários períodos do brasilianismo. Já vi muita coisa acontecer. Agora estou esperando que haja mais oportunidades para os jovens, pois os *velhos* já estão nos empregos, e sem perspectivas profissionais não há possibilidade de desenvolvimento de programas. Mas nisto tudo há algo bom: todos sabem que é importante manter estudos sobre o Brasil, veja que às vezes vai gente importante daqui e faz papel feio lá dizendo que está contente por visitar a Bolívia.

SEBE: *Quais temas o senhor recomendaria para a nova geração de brasilianistas?*

WAGLEY: Ah, o carnaval e o jogo do bicho. Principalmente o

jogo do bicho, acho que este é o tema melhor para se entender alguns mecanismos internos da alma brasileira. Há outros como o futebol, a roupa, a educação das crianças. Olha, se há uma coisa que não preciso fazer é chutar temas, agora eu tenho já um time que pode ensinar os jovens.

SEBE: *Para terminar, professor, o que gostaria de dizer?*

WAGLEY: Quero dizer que estou velho e já vivi bastante e que o Brasil sempre foi parte importante da minha existência. Se eu tivesse que viver outra vez queria passar minha vida acadêmica do mesmo jeito, um jeito brasileiro.